

A DINÂMICA DAS RELAÇÕES NA CONVIVÊNCIA EM INTERNATO: Concepção de Alunos do Instituto Federal Catarinense – *Campus Concórdia*

Luciane Baseggio Vendruscolo¹ - UNOESC
luciane.baseggio@ifc-concordia.edu.br

Michelle Sperotto Bortoncello² - UNOESC
michelle.sperotto@ifc-concordia.edu.br

Maria Teresa Ceron Trevisol³ - UNOESC
mariateresa.trevisol@unoesc.edu.br

Resumo: Este trabalho integra parte de uma pesquisa que está em curso no Programa de Pós-graduação em Educação - Mestrado em Educação da UNOESC Joaçaba, e tem como objetivo central, analisar a dinâmica das relações interpessoais conflituosas que ocorrem em uma escola de perfil agrícola, com internato, que atende alunos na fase da adolescência nos cursos técnicos profissionalizantes. Os dados, ora contextualizados, fazem parte dos documentos analisados contidos nos relatórios enviados à Coordenação responsável pelo internato e integram os processos disciplinares com registros de indisciplina, desobediência às normas, conflitos interpessoais e violências que ocorreram na Instituição escolar. Observa-se que mesmo estando sob um regimento disciplinar, as ocorrências em relação aos conflitos interpessoais se fazem presentes, necessitando de um estudo mais detalhado para sistematizar conhecimentos a fim de se desenvolverem atividades de intervenção. Conhecer e reconhecer esta problemática torna-se essencial para a instituição desenvolver um trabalho pedagógico que vise o desenvolvimento integral destes adolescentes.

Palavras-chave: Educação. Internato. Relações interpessoais. Conflitos.

Introdução

As queixas que fazem referência ao cotidiano escolar sobre os aspectos relacionados à indisciplina, as relações de conflitos com

¹ Técnica Administrativa em Educação no IFC. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado em Educação – UNOESC – Campus de Joaçaba.

² Psicóloga no IFC. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado em Educação da UNOESC – Campus de Joaçaba.

³ Docente da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNOESC. Doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

agressões verbais, psíquicas e físicas tem emergido constantemente na atualidade, tendo repercussões na mídia e na sociedade como um todo, e isso vem demonstrando a necessidade de constantes estudos para possíveis intervenções nas instituições de ensino.

Este trabalho integra parte de uma pesquisa que está em curso no Programa de Pós-graduação em Educação - Mestrado em educação da UNOESC Joaçaba, e tem como objetivo central analisar a dinâmica das relações interpessoais conflituosas que ocorrem em uma escola com internato que atende alunos na fase da adolescência. Os dados, ora apresentados, fazem parte dos relatórios enviados à Coordenação responsável pelo internato e integram os processos disciplinares com registros de indisciplina, desobediência às normas, conflitos interpessoais e possíveis violências que ocorreram na Instituição escolar.

A experiência de ser aluno interno, principalmente em instituições de perfil agrícola, reveste-se de especial peculiaridade, por estes locais apresentarem características bastante similares ao que Goffman (2008) determinou como instituições totais, por serem estabelecimentos fechados que funcionam em regime de internação, onde um grupo relativamente numeroso de internados vive em tempo integral.

No período em que estive desempenhando atividades junto à Coordenação Geral de Assistência ao Educando¹, percebi a necessidade de compreensão da dinâmica de convivência entre os internos, suas relações interpessoais, conflitos e a relação de forças presentes naquele ambiente, por se constituir um local de aprendizagens e de permanência constante dos internos.

Observa-se que no cotidiano escolar, estes adolescentes vão construindo normas informais de convivência, criadas a partir de suas

¹ Esta Coordenação é responsável em planejar, orientar, acompanhar, supervisionar e avaliar as atividades de atendimento ao corpo discente, em especial aos alunos internos. (CGAE).

decisões e acordos que fogem às regras que são regulamentadas, e vão se constituindo em uma cultura interna aceita e inquestionável, e tendem a se solidificar mediante a aceitação ou submissão dos internos, e que muitas destas normas trazem características opressivas e autoritárias, principalmente pelo terceiro ano, já que exercem "poderes" sobre os demais.

Para muitos destes adolescentes ocorre uma mudança intensa, frente a uma nova dinâmica de vida, dentre elas, afastar-se dos familiares e amigos, passando a conviver com desconhecidos e tendo que aprender a lidar com os conflitos interpessoais que surgem na convivência diária no internato.

Observa-se que mesmo estando sob um regimento disciplinar, as ocorrências em relação aos conflitos interpessoais se fazem presentes.

Diante do exposto, a escola precisa compreender o que isso representa para estes adolescentes, por ser um ambiente de convívio contínuo, onde os alunos permanecem juntos todos os dias. É importante que conheçamos a existência das regras não formais de convívio que são estabelecidas, e identificar qual a razão do silêncio que é instituído no internato. Compreender se estas atitudes constituem o *habitus*¹ no internato, na medida em que constitui um campo de forças estruturado, torna-se essencial para o trabalho pedagógico na instituição, visto que enquanto profissionais integrantes do coletivo escolar, mediamos e contribuimos para a formação da subjetividade desses internos.

Adolescência, interações sociais e conflitos no internato: implicações para a constituição do indivíduo

¹ Habitus – Teoria de Bourdieu "sistema de disposições duráveis", adquirido em um determinado meio familiar, sob determinadas condições objetivas, produz ações comumente organizadas, consciente ou inconscientemente, para funcionar como estratégias de reprodução.

A pesquisa em curso, ora explicitada, está sendo desenvolvida junto ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Catarinense - *Campus* Concórdia. Trata-se de uma antiga Escola Agrotécnica Federal, instituição de perfil agrícola¹, criada em março de 1965 que possui em sua estrutura internato para os adolescentes ingressantes nos Cursos Técnicos de formação profissional.

Os moldes educacionais elaborados ao longo dos tempos são resultado de padrões culturais, valores e necessidades, criados a partir de um determinado modelo de sociedade de cada época. Um dos modelos introduzidos ao longo da história foi o chamado 'Colégio Interno', modelo de instituição de ensino presente em nossa sociedade até os dias atuais.

Ariès (2011) destaca em sua obra "História social da criança e da família" aspectos importantes para compreendermos a configuração do internato destinado à educação no decorrer da história. O encaminhamento das crianças e jovens, quanto aos ensinamentos e formação daquela época, a partir do período compreendido entre o século XV ao século XVIII, a introdução da disciplina nos colégios moderno, onde o internato vai se configurando como um local de controle total e ideal para a sociedade, por oferecer educação e disciplina.

Os mestres tenderam a submeter o aluno a um controle cada vez mais estrito, no qual as famílias, a partir do fim do século XVII, cada vez mais passaram a ver as melhores condições de uma educação séria. Chegou-se a aumentar os efetivos outrora excepcionais dos internos, e a instituição ideal do século XIX seria o internato, quer fosse um liceu, um pequeno seminário, um colégio religioso ou uma escola normal. (ARIÈS, 2011, p. 127).

¹ As origens históricas do ensino agrícola retratam que esta modalidade de ensino era inicialmente ministrada em patronatos destinados ao atendimento de crianças desamparadas e instituições com finalidades corretivas.
Fonte: COAGRI - Departamento de Documentação e Divulgação - Brasília, DF - 1980.

Este modelo de instituição escolar foi difundido e implantado no mundo todo, assumindo características específicas de cada época da história, entrelaçados ao curso econômico de cada país.

Podemos observar que a adoção do internato nos Colégios Agrícolas da rede federal de ensino nasceu juntamente com as primeiras instituições criadas para atuar na formação de profissionais para a área da agricultura. Tendo o governo adotado uma política de assistência integral aos alunos, oferecendo moradia, alimentação, formação e disciplina.

Pesquisas desenvolvidas por Barroso (2008), Zilio (2009), Salvador (2011), Morais (2011), retratam que o internato é uma temática de extrema abrangência. Constatamos em investigações já realizadas a necessidade de novos estudos de acordo com os resultados obtidos pelos relatos dos alunos, levando-se em conta as relações interpessoais, apontando como um dos fatores de maior dificuldade a falta de respeito entre pares, trotes, humilhações, diferença de tratamento entre os alunos de acordo com a série em que se encontram, o que geram conflitos e algumas vezes até violência.

Evidencia-se nas pesquisas analisadas, uma relação hierarquizada, de poder entre os pares, que apontam a necessidade de compreensão, vindo ao encontro da proposição de nossa pesquisa. Benelli (2002, p.28) destaca que o internato “[...] se configura no encontro de pessoas, de sujeitos, como um local de confronto e de laços afetivos”. Sem dúvida, passar a conviver e residir com desconhecidos, dividindo os mesmos ambientes, é uma mudança que afeta diretamente cada novo integrante do Internato.

A chegada dos novatos ao internato escolar requer muita atenção. Além da recepção oferecida pela Instituição, haverá as “boas

vindas” oferecidas pelos já residentes. Embora a Instituição planeje este momento buscando integrar os novatos no mundo dos já residentes, haverá por parte dos veteranos também uma recepção por eles organizada. Goffman (2010, p.27) destaca que:

Os processos de admissão e os testes de obediência podem ser desenvolvidos numa forma de iniciação que tem sido denominado “as boas vindas” – onde a equipe dirigente e os internados, ou os dois grupos, procuram dar ao novato uma noção clara de sua situação. Como parte desse rito de passagem ele pode ser chamado por um termo como “peixe” ou “calouro”, que lhe diz que é apenas um internado, e, mais ainda, que tem uma posição baixa mesmo nesse grupo.

Há uma relação hierarquizada estabelecida e demarcada entre os internos, logo na chegada, que colocam o novato em uma condição inferior da condição dos que já residem no internato por algum tempo, os “outros internados dão ao indivíduo nomes obscenos, podem xingá-lo, indicar suas qualidades negativas, “gozá-lo”, ou falar a seu respeito com outros internados como se não estivesse presente” (GOFFMAN 2010, p.30-31).

Os veteranos, historicamente vem atribuindo apelidos para identificar o novo integrante, sendo que para este feito, somente os alunos do terceiro ano podem atribuir apelido ao aluno que está chegando, esta situação demonstra claramente a hierarquia horizontalizada presente no internato.

Foucault (1987) em sua Obra Vigiar e Punir, indaga os “mecanismos” que ao longo dos tempos tem se adotado e que possuem como alvo o sujeito. Ao tratar da “disciplina” enfoca no “poder disciplinar e normalizador”, permitindo-nos vislumbrar como a normalização opera nas instituições escolares, configurando-se ao longo da história, em relações de poder que incidem na hierarquização e estratificação dos indivíduos.

Por meio da análise de documentos que compõem os processos disciplinares, os registros nas fichas individuais dos internos e da experiência enquanto integrante da Comissão Disciplinar observa-se exatamente as situações apontadas pelos autores. Podemos destacar a eminência dos conflitos interpessoais entre os pares com maior ênfase entre as diferentes séries, a indisciplina, o desrespeito aos horários e situações envolvendo a sala de aula ou atividades de setor, com relatos de violência, ameaças ou trotes, ações estas, geradoras de processos disciplinares.

Embora sejam registradas estas situações, sabemos que por conta da dinâmica no internato, uma das regras instituídas pelos internos é o silêncio mediante as sanções punitivas, pois muitas delas acarretam o desligamento do interno, o que se constitui para o adolescente um ato humilhante. Benelli (2002, p.20) destaca que “quando acontece alguma coisa interna ou externa que ataca a imagem do sujeito, a agressividade surge como uma reação natural, numa tentativa de reconstruir esta autoimagem”. É possível que o fato de ser interno, muitas vezes restrinja o aluno de extravasar, ou até mesmo dividir com alguém alguma situação desagradável, de modo a não acumular certa agressividade que gere algum tipo de violência.

Mediante a sua nova morada, entendemos que a escola torna-se o principal ambiente social para o interno, e que isso irá influenciar na sua formação e na construção de sua identidade, pelas novas ressignificações, resultantes dos processos internos de transformações que decorrem das vivências com os grupos sociais a que pertencem.

Atentos a esta questão, é importante refletirmos enquanto escola, como os adolescentes internos no conviver se integram a cultura do internato, frente à dinâmica de relações existentes, visto que para eles, o reconhecimento e aceitação do grupo, nesta fase,

tem muito significado, o que implica analisarmos como estes jovens se organizam e quais são os ideais que norteiam as suas escolhas a partir desta inserção. Pois, como afirma Morin (2000, p.54) “as interações entre indivíduos produzem a sociedade, que testemunha o surgimento da cultura, e que retroage sobre os indivíduos pela cultura”. Assim, paradoxalmente estas relações de convívio incitam padrões de comportamentos que vão sendo absorvidos naturalmente por quem integra aquele ambiente, retroagindo no próprio grupo.

Considerações Finais

A capacidade do ser humano de criar, inovar, observar, aprender e adaptar-se é indiscutível. Porém, não podemos fechar nossos olhos e deixar de perceber que o ser humano de forma engenhosa também construiu muitas regras para manipular, controlar e se sobrepôr aos outros, conduzindo a humanidade estrategicamente por caminhos planejados. Hugo Assmann (1998) ao escrever sobre a “Antropoiética: a Morfogênese do Conhecimento” destacou a imensa habilidade adaptativa do ser humano, apontando isso como positivo, no entanto nos fez um alerta sobre o risco do rebaixamento de análise crítica quando somos submetidos ao adestramento.

Enquanto escola, precisamos avaliar o contexto ao qual este aluno está inserido, os objetivos que o trouxeram para a nossa instituição, a convivência entre os adolescentes no internato, os diferentes grupos e interesses representados no cotidiano, as causas dos conflitos presentes no ambiente internato e as possíveis implicações para o desenvolvimento biopsicossocial, visto que, a partir de suas vivências, elaboram-se definições de comportamentos que influenciam e determinam a construção de seu eu.

Frente aos conhecimentos construídos historicamente que a

humanidade dispõe na atualidade, a escola precisa assumir uma postura vigilante em relação ao processo técnico pedagógico desenvolvido. Compreendemos que a escola participa ativamente no processo de desenvolvimento do adolescente, por meio de seu projeto ideológico e de suas práticas educativas, significando e referenciando o modelo ideal de homem na sociedade, por meio de seus saberes construídos e difundidos no educar.

Deste modo, compreendemos que a escola deve co-responsabilizar-se no desenvolvimento integral de seus educandos, estando atenta as qualidades das apropriações culturais que são difundidas no cotidiano escolar, mediante também, aos encaminhamentos que são adotados na resolução dos problemas relacionados aos conflitos, a indisciplina e a violência.

O método de controle disciplinar seria o mais adequado para enfrentar os problemas presentes na sociedade contemporânea?

É possível que, no século XXI, ainda nos deparemos com manifestações acerca de noção de escola, como espaço “modelador”, devido a sua estrutura, suas divisões internas, organização didática e a sistemática organizada na distribuição dos alunos e suas respectivas tarefas. Segundo Wallon (1975, p.390) “é necessário não dissociar o indivíduo das situações em que ele se encontra. Que uma conduta é sempre um resultado do conjunto formado pela situação e pelo sujeito nela implicado.” Sendo assim, todas as situações vividas no internato pelos adolescentes estão diretamente imbricadas ao ser e o fazer escola.

Nesta perspectiva, torna-se necessário viabilizar um projeto pedagógico que possibilite um trabalho transdisciplinar e interdisciplinar, superando as distâncias entre os diversos saberes e a dicotomia existente entre o internato e o técnico pedagógico. Necessitamos de um trabalho contínuo, que integre o todo escolar, considerando as características específicas de uma escola de turno

integral, com internato, envolvendo todos servidores, professores e alunos nesta tarefa.

Enquanto escola, podemos mediar este processo de construção do ser humano no cotidiano escolar, criando possibilidades de diálogo de reflexão e de envolvimento, reconhecendo as dificuldades, permitindo ao adolescente integrar-se ao mundo social de forma participativa e crítica resistindo a modos de vida que tem sido implantados, ultrapassando modelos estabelecidos culturalmente e que podem ser melhorados e reelaborados a partir da efetiva participação de cada um que compõe este espaço.

Referências

ARIÈS, Philippe (1914-1986). **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para re-encantar a educação: epistemologia e didática**. 2. ed. Piracicaba: Unimep, 1998.

BARROSO, Terezita Pereira Braga. **Vida familiar e vida escolar : Um estudo de caso sobre a trajetória escolar dos alunos internos do Centro Federal de Educação tecnológica de Januária – MG**. 2008. 56 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2008.

BENELLI, Sílvio José. O internato escolar como instituição total: violência e subjetividade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.7, n. 2, p. 19-29, Jul/Dez. 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MORAIS, Alessandra Xavier de. **Identidade psicossocial dos adolescentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (Campus Vitória de Santo Antão) em Regime de Internato**. 2011. 85 f. Dissertação (Mestrado em

Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2011.

SALVADOR, Denilce. **Vida acadêmica dos alunos do curso técnico em agropecuária integrado ao Ensino Médio no sistema de internato: percepções e desafios.** 2011. 58 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2011.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância.** Lisboa: Estampa, 1975.

ZILIO, Anita Carmen Rossetto. **Dificuldades e possibilidades no processo de integração da escola agrotécnica federal de Sombrio com as famílias dos alunos residentes.** 2009. 60 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2009.